



Vênus de Milo em Ferentari

Fernando Maroja Silveira

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

A RECONCILIAÇÃO

Senhor no fim do horizonte,
A distância rebaixa os homens
E constrói o muro contra a voz.

Nada vejo de humano em teu rosto,
Se a poeira que a distância levantou
Parece o assalto de vespas
E a venda nos olhos.

Homens crescem no vagar
Dos extremos para o meio da ponte,
Seio que alimentará os herdeiros
No reino de Ítaca.

Senhor, o meio da ponte revelará
A semelhança no rosto do outro,
O meu espelho no teu.

ULISSES

Senhor no fim do horizonte
Vejo a tua marcha na minha direção
Semelhante a alguém a sair do ventre da ponte.

Tu acabas de nascer na travessia
E prossegues na minha direção
Como se eu fosse o teu pai.

Eu te nomeio Ulisses.

O DESTINO DOS POETAS

Michelangelo pensava nos poetas
quando criou o personagem solitário
que estende o braço para o mundo,
no lado oposto ao pai e à humanidade.

Os poetas foram os primeiros a chegar
e assim conheceram o que outros ignoram
e abandonaram o que outros compraram.

O braço ainda estende a mão dos poetas,
mas a humanidade não distingue a oferta
e retribui com moedas para os mendigos.

ÁGUIA BICÉFALA

As duas cabeças
Da minha águia bicéfala
São Caim e Abel,
Mas Caim é homem e Abel é um deus.

Sou o Coliseu dessa batalha,
Um César me erigiu e me elegeu,
Um César que não vejo,
Mas sinto no interior, no coração.

PONTE MIRABEAU

Para Paul Celan

Senhor no fim do horizonte,
Estamos nos dois extremos da ponte
E vago na tua direção,
Mas jamais chegarei ao teu lado,
Se a diáspora é uma travessia sem fim,
Na eterna marcha do Rio Sena
Em busca da morada.

Apenas o curso do rio vai unir
Tudo que o vento dispersa e a guerra destrói
Nas trincheiras de areia e teias de aranha.
Apenas as legiões do rio marcham
No tempo da métrica
E na hora do sempre e do nunca mais,
Alcançando o eterno florescer.

Ó senhor,
O curso do rio é uma lagarta que rasteja
Dentro da métrica e fora do tempo,
Chegando mais longe que o soldado
A rastejar no front da guerra.

Ó senhor,
Olho para o curso do rio e vejo,
Além da minha imagem no espelho,
As botas do meu pai
E os cigarros da minha avó,
A garrafa de vinho que meu tio bebia
E levava debaixo do braço,
Como se fosse o gato de estimação.

Vejo a correnteza levar os restos do caderno
Que eu usava na escola.
Vejo a infância em Czernowitz
E o pente que arrumava o cabelo da minha mãe.

Senhor,
Vejo no curso do rio toda a minha família,
Vagando em busca da terra prometida.
Eu saltarei dessa ponte
E abraçarei e beijarei todos eles.

BATATAS FRITAS

Perante a prateleira do supermercado
Vejo a imagem da humanidade
No saco de batatas fritas
Entre latas de leite que me lembram a neve.

Estamos todos espremidos e presos
Dentro de um saco
Fechado desde sempre
Esperando pela mão do carrasco.

Estamos todos espremidos e presos
Mas o carrasco chegará
Para abrir o saco
Pela nossa liberdade, pela nossa morte.

PRAGA

No século dos extremos,
Quando a terra se tornou cinzeiro
E homens se dividiam entre cinzas e centauros,
Os tchecos provaram ao mundo
Que assassinos podem aniquilar tudo,
Menos o povo que vive no meio da ponte,
Onde carrascos não chegam
E chagas são curadas e chamas se apagam.

Barulho fazia o galopar dos centauros,
Como se os mortos viessem por debaixo da terra
E batessem na porta de Praga,
Para buscar dos condenados à morte
O pó que ainda respirava,
Quando escalava a montanha do vento
E saltava na direção do homem
Para doar seu sopro de vida.

Ó capital do Século XX,
Tuas paredes eram ouvidos onde segredos matavam
Assim que morriam na boca,
Que se fechou para o beijo e secou no deserto,
Quando mentiras e delações duelavam
Entre dedos apontados e dados no tabuleiro,

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em julho de 2020.
